

CONCEITOS MARXISTAS: UM OLHAR PARA A SOCIEDADE ATUAL

MARXIST CONCEPTS: A LOOK AT CURRENT SOCIETY

Cristoffer Fabiano Biagini da Silva¹

Obra: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista.** 10^a ed. São Paulo: Global, 2006.

Certamente, o Manifesto do Partido Comunista é um dos documentos mais influentes já escritos ao longo da história. Trata-se de uma análise que, realizada pelos alemães Karl Marx e Friedrich Engels, tendo sido publicada em 21 de fevereiro de 1848, buscou investigar as relações existentes entre trabalho e capital com vistas a propor uma nova forma de organização social, política, moral e econômica da sociedade, sendo pautada nos ideais comunistas.

Neste sentido, a reflexão de Marx e Engels traça uma relação com a ideia de modos de produção, que seriam as formas pelas quais o ser humano produz e distribui os seus meios de subsistência na medida em que se reúne economicamente, enfatizando, neste entendimento, o modo de produção capitalista. Ao criticar veementemente o capitalismo personificado na burguesia da época, os autores do Manifesto se concentram em revelar as mazelas que o sistema capitalista instaurou na sociedade, as quais tiveram como resultado as desigualdades sociais, a má distribuição de riqueza e a diferença de classes.

Inicialmente, os autores apresentam a imagem que o comunismo detinha na segunda metade do século XIX em toda a Europa na medida em que era visto como um

¹ Graduando em Direito pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

perigo iminente a ser combatido pelas potências da época. Assim, considerando o reconhecimento por parte destas potências acerca do fato de o comunismo já ser uma força crescente e também o desejo presente nos defensores do movimento no que tange a expor suas ideias, o Manifesto constitui-se uma iniciativa decorrente de uma reunião de comunistas de inúmeras nacionalidades realizada em Londres que teve como finalidade redigir o presente documento.

O ponto de estudo do texto é a conclusão de que a luta de classes permeou a história de todas as sociedades que já existiram, personificada nas figuras de “homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos [...]” (ENGELS; MARX, 2006, p. 84), findando esta luta, reiteradamente, com uma revolução ou com o desmantelamento das duas classes. Deste modo, nota-se que os sujeitos desta luta de classes se modificaram durante os séculos tendo por base o desenvolvimento das sociedades, percorrendo diversos eventos históricos como os burgos das primeiras cidades, a descoberta da América e as navegações pela África, por exemplo. Ademais, a ampliação dos mercados provocou a substituição de modelos produtivos insuficientes por técnicas eficazes que conseguissem suprir as demandas, culminando no fortalecimento da classe burguesa.

É válido afirmar que a burguesia, a partir de então, se consolidou ao conquistar a soberania política e o poder, fulminando, com isso, as relações naturais entre os indivíduos ao banalizar, monetarizar e objetificar a dignidade e também várias profissões, considerando-as como mero valor de troca e simples trabalhadores assalariados. Expandiu-se, ainda, por todo o planeta de modo a explorar os setores do mercado mundial, em especial o da indústria, suplantando as velhas indústrias ao propiciar o surgimento de novas. Também obrigou povos bárbaros a adotarem o sistema burguês, populações rurais a migrarem para os centros urbanos, províncias independentes a se unificarem em uma só nação.

Embora desenvolvidos a partir da sociedade feudal, os meios de produção que sustentam o sistema burguês estruturaram a ideia da livre concorrência que, sendo tão

intensa no sistema capitalista, enseja o surgimento de inúmeras crises comerciais amparadas, em grande parte, na superprodução, na demasia de produtos fabricados, acometendo a própria propriedade burguesa ao causar a desordem.

Além dos meios de produção, também é fruto da burguesia o proletariado (classe operária) que, sendo obrigado a vender diariamente sua força de trabalho para o sistema, torna-se mera mercadoria na medida em que é escravizado (já que sabe que produz muita riqueza, porém não usufrui da mesma) e explorado não apenas pelos donos dos meios de produção, mas também pelas máquinas e pelo próprio Estado burguês, ao passo de inexistir diferença entre idade e sexo na atividade produtiva. Destaca-se, nesta ideia, a alienação do trabalho presente na classe operária que, por sua vez, demonstra dificuldades de identificar a sua própria classe e o valor que possui no processo produtivo, percebendo-se alheia a ele. Assim, os trabalhadores, após adentrarem ao sistema, se veem em uma cadeia contínua ao perpassarem por todas as fases produtivas enquanto travam sua luta contra a classe burguesa, luta esta que tem como resultado o fortalecimento cada vez mais amplo do proletariado, o que é viabilizado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação por parte da grande indústria, bem como pelo fato de os proletários receberem os elementos da educação política da burguesia ao ampararem-na nas lutas burguesas travadas contra outros segmentos sociais.

A classe proletária constitui-se a única autenticamente revolucionária quando comparada com as demais que a burguesia já travou batalhas. Ressalte-se também o fato de que diversos burgueses migram para o proletariado ao compreenderem e simpatizarem com seus ideais no decorrer destes confrontos. As classes médias também defrontam a burguesia porquanto esta ameaça a permanência daquelas na condição em que se encontram, não sendo, entretanto, revolucionárias, mas conservadoras. Surgem, neste ínterim, elementos como o lumpemproletariado (classe mais inferior) e as leis, a moral e a religião, por exemplo, que servem de cortinas aos propósitos burgueses.

Discorrendo ainda mais sobre esta abordagem, conceitos marxistas como a infraestrutura e a superestrutura podem ser claramente evidenciados para entender a

organização da sociedade capitalista. A infraestrutura pode ser conceituada como as “[...] forças de produção, compostas pelo conjunto formado pela matéria-prima, pelos meios de produção e pelos próprios trabalhadores [...]. Trata-se da base econômica da sociedade [...]” (BODART, 2016). Já a superestrutura remete às estruturas ideológica e jurídico-política que objetivam perpetuar e conservar o domínio capitalista, servindo, deste modo, como estratégia para sua consolidação. São exemplos de elementos da superestrutura os meios de comunicação, a religião e as artes, por exemplo.

Para conquistar o poder, o proletariado tem de aniquilar os meios de apropriação, as garantias e as seguranças da classe burguesa. Sendo assim, o ponto-chave que sustenta a burguesia são os particulares que concentram riquezas, as quais são produzidas através do trabalho assalariado. Ao neutralizar este fenômeno, os autores do Manifesto afirmam que seria inevitável a tomada do poder pelos proletários.

Na relação entre comunistas e proletários, é possível apontar que o que diferencia o primeiro grupo do segundo diz respeito, primeiramente, ao fato de que os comunistas buscam fazer prevalecer os interesses comuns da classe proletária e, num segundo momento, representam os interesses proletários de maneira conjunta e total. Os comunistas formam a fração do proletariado que se destaca por impulsionar os movimentos da classe na luta contra a burguesia.

É equivocado delinear que o comunismo objetiva extinguir a propriedade em geral. Na realidade, o ideal comunista se pauta na busca por abolir a propriedade privada burguesa, tendo em vista que a simples propriedade já foi abolida e continua sendo pelo próprio desenvolvimento industrial. Isto posto, o ideal comunista não se concentra na ideia de proibir a apropriação de produtos sociais, mas suprime a capacidade de explorar o alheio para obter estes produtos.

Certos contrastes podem ser observados na dualidade entre as sociedades burguesa e comunista: na sociedade burguesa, o trabalho dos operários é considerado uma forma para expandir o trabalho acumulado, enquanto que na sociedade comunista este é utilizado para garantir qualidade aos proletários; na sociedade burguesa, o passado constitui-se

instrumento de domínio sobre o presente, ao passo que na sociedade comunista o passado é dominado pelo presente; na sociedade burguesa, o capital detém independência e pessoalidade, enquanto que o trabalhador não dispõe de nenhuma destas características.

Na época de Marx e Engels havia, basicamente, três diferentes expressões de literatura socialista. A primeira refere-se ao socialismo reacionário que, apegando-se a eventos passados, almeja manter a sociedade na forma de seu estado atual ou mesmo empregar a ela algum modelo estrutural relacionado ao sistema feudal, mostrando-se contrário, portanto, aos anseios do Partido Comunista. O segundo tipo está relacionado ao socialismo pequeno-burguês, o qual se caracteriza pela perspicácia de integrantes da burguesia que, sabendo das demandas do proletariado, atendem algumas delas a fim de preservar o estado do sistema. Este tipo de socialismo é personificado em sujeitos como filantropos, humanitaristas e economistas, por exemplo. Por fim, a terceira modalidade se opõe à estrutura social e à estrutura de classes, defendendo a introdução de sociedades novas quando se poderia modificar as já existentes, contrariando, também, as ideias do proletariado.

Por derradeiro, os autores se mostram incentivadores de todos os movimentos que aspiram uma revolução ao contrapor a organização política e social atual, encerrando o Manifesto com o brado “Proletários de todos os países, uni-vos!” (ENGELS; MARX, 2006, p. 120).

Inegavelmente, os conceitos trazidos no Manifesto mostram-se contundentes em vários aspectos nas sociedades atuais como, por exemplo, a alienação, em que “[...] o trabalhador não se reconhece no produto do seu trabalho nem consegue apreender o processo de produção como um todo [...] não fica com toda a riqueza que gera no processo produtivo [...]” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 109). Ora, esse é o retrato de muitas ocupações na atualidade. São trabalhadores que engendraram uma relação tão significativa com seu emprego que não compreendem seu papel nas atividades realizadas pela empresa como um todo, sofrem um processo de emburrecimento em decorrência de atividades repetitivas, diminuem sua capacidade crítica dos fenômenos etc. Contudo, ao

contrário do que se espera, não se veem sem exercer sua ocupação ou mesmo sem trabalhar, tornando-se, com isso, dependentes do trabalho. Assim, entre os objetivos do Manifesto do Partido Comunista pode-se incluir a capacidade de ele provocar um despertar crítico na sociedade contemporânea em vários sentidos, a fim de torná-la mais igualitária.

Referências

ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016.

BODART, Cristiano das Neves. **Infraestrutura e superestrutura em Marx**. Blog Café com Sociologia.com, 25 out. 2016. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/infraestrutura-e-superestrutura-em-marx/>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. 10. ed. São Paulo: Global, 2006.